

OPINIÃO

A COR DO
DINHEIRO

CAMILO LOURENÇO
Analista de economia
camilolourenco@gmail.com

O melhor seguro de Costa? Evitar o caos

O primeiro-ministro inglês usou uma morte atribuída à variante Ómicron para justificar as medidas restritivas que quer impor ao país. Uma morte. Em Portugal António Costa está tão preocupado quanto Boris Johnson. Embora por razões diferentes...

Johnson anda com a popularidade pelas ruas da amargura devido aos disparates que coleciona e usa a pandemia para afastar os holofotes de si (até se dá ao luxo de impor restrições de circulação a cidadãos de países com taxa de vacinação muito acima da sua: Portugal tem 88%, o Reino Unido tem 69%)...

Em Lisboa o cenário é diferente. António Costa sabe que com a direita feita num saco de gatos, tem boas hipóteses de continuar primeiro-ministro. O que lhe pode correr mal? Não é a oposição de Rio (inexistente). Não é a deriva de Ventura. Não é Cotrim de Figueiredo (e o seu discurso sem chama). Nem sequer as críticas de Catarina e Jerónimo à falta de investimento no SNS, com a qual foram coniventes durante 4 anos. É a pandemia.

Imagine que por qualquer azar dos Távoras esta vaga atira o país para o caos de há um ano. O PS ganharia as eleições? Muito

provavelmente não. Até porque se a tragédia se repetisse, o país perceberia que as falhas do SNS se devem verdadeiramente a falta de gestão de Marta Temido e de investimento.

É isso que Costa teme. Daí as restrições para evitar o caos no próximo mês e meio. A nova variante está a revelar-se menos letal do que se temia? As famílias parecem dispostas a vacinar crianças dos 5 aos 11 anos? Who cares...! O que interessa é ganhar eleições sem o sobressalto das filas de ambulâncias à porta dos hospitais e 300 mortos por dia. ■

ACADEMIA
E REALIDADE

PEDRO BRINCA
Professor Auxiliar da Nova
School of Business and
Economics

Gato gordo, gato vadio

Qualquer pessoa que já tenha tido gatos como animais de estimação tem a noção que os gatos de casa tendem a ser mais gordos que os gatos vadios. É fácil perceber porquê. Não precisa de se esforçar para comer. O mundo dos negócios não é muito diferente. As empresas que centram a sua atividade em mercados protegidos da concorrência internacional, focando-se no fornecimento de bens e serviços não transacionáveis, tendem a ser menos eficientes e menos organizadas porque a pressão competitiva é bastante menor. Criam menos valor acrescentado, são menos produtivas e pagam salários mais baixos.

Um estudo recente liderado por Luís Catão do ISEG mostra que as empresas que exportam mais de 10% das suas vendas são cerca de seis vezes maiores, 33% mais produtivas e pagam remunerações horárias entre 40 a 50% mais elevadas. Longe vão os dias em que a dimensão determinante para a economia portuguesa de afirmação nos mercados internacionais andava à volta do binómio baixo custo e qualidade. Hoje é preciso diferenciação, inovação, criatividade e competência tecnológica para criar maior valor



Getty Images

acrescentado. É preciso flexibilidade e mobilidade para que a economia tenha capacidade de adaptação à velocidade cada vez mais vertiginosa com que novos produtos e tecnologias nascem e morrem.

Já abordei antes os problemas que as empresas têm em ganhar escala. Somos um país com um peso desproporcional de micro e pequenas e médias empresas, negócios de subsistência sem capacidade nem ambição de afirmação internacional. Uma economia muito endividada e com poucos recursos em termos de capital humano que não ajuda a

emergência de empresas competitivas a nível global. Não obstante, existem também outros caminhos de afirmação. Se não temos capacidade de criar uma BMW, podemos pelo menos andar à boleia da mesma. Um dos casos de sucesso é a parceria da BMW com a portuguesa Critical Software, que em conjunto desenvolvem esforços de investigação e desenvolvimento, faturando dezenas de milhões de euros e criando tecnologia que já circula nos automóveis da marca no mundo inteiro. Estas multinacionais, que integram verdadeiras cadeias globais de criação de va-

lor, são por um lado plataformas logísticas de distribuição mundial de produtos para um mercado de dimensão global e por outro importantes fontes de importação de conhecimento.

No mesmo estudo, Luís Catão mostra que as empresas portuguesas que operam em setores com elevado envolvimento em cadeias globais de valor tendem a ser maiores, mais antigas, a ter uma maior percentagem de propriedade estrangeira e maior produtividade do trabalho. Importa criar condições para atrair investimento direto estrangeiro (IDE) que em conjunto com empresas portuguesas possam constituir fontes de importação de conhecimento e criação de empregos com alto valor acrescentado. Há dimensões que estão sob controlo político e que podem ser trabalhadas: a melhoria da conectividade (física e virtual); o aumento da eficiência do sistema judicial; o aumento da qualidade dos recursos humanos; a redução dos custos unitários do trabalho e o aumento da capacidade de transferência de conhecimentos, tecnologia e competências associado às parcerias com empresas estrangeiras.

Portugal já é dos países com menos restrições legais ao IDE. É tempo de criar mais iniciativas que potenciem a integração de mais empresas portuguesas nas cadeias globais de valor e consequentemente emprego de maior qualidade, valor acrescentado e melhores salários. ■

Coluna mensal à terça-feira

É tempo de criar mais iniciativas que potenciem a integração de mais empresas portuguesas nas cadeias globais de valor.